

XII BIENAL DE
música
MÚSICA
BRASILEIRA

CONTEMPORÂNEA
RIO DE JANEIRO, 25 DE OUTUBRO A 4 DE NOVEMBRO DE 1997

**THEATRO MUNICIPAL
SALA CECÍLIA MEIRELES
ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ
Salão Leopoldo Miguez**



Fundação Nacional de Arte - FUNARTE
Coordenação de Música

Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Cultura e Esporte
Fundação Teatro Municipal do Rio de Janeiro
Fundação de Artes do Estado do
Rio de Janeiro - FUNARJ - Sala Cecília Meireles

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Cultura
Francisco Weffort

Presidente da Funarte
Márcio Souza

Coordenadora de Música /Funarte
Valéria Ribeiro Peixoto

XII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Rio de Janeiro
25 de outubro / 4 de novembro de 1997

Programação

João Guilherme Ripper
Jocy de Oliveira
Luiz Carlos Csekö
Rodolfo Caesar
Rodrigo Cicchelli Velloso
Tato Taborda

Coordenação

Edino Krieger
João Guilherme Ripper
Marcus Ferrer
Tato Taborda
Vanda Freitas Guedes

Produção

Ângela Brasil
Luiz Felipe de Castro Santos

Divulgação

Cida Fernandes

Apoio operacional

Jailton Lúcio da Silva Alves
Jean Carlo da Silva Alves
Marinaldo Gomes da Cruz

Texto, editoração

Flávio Silva

Cartaz, capa

Eliane Moreira

Revisão

Ângela Francisco

Programação visual

Arlete Carvalho

Locais

Theatro Municipal do Rio de Janeiro
Sala Cecília Meireles
Escola de Música da UFRJ
Casa de Rui Barbosa

Apoio cultural

Academia Brasileira de Música
AV Produções & Eventos
Conservatório Brasileiro de Música
Fundação Casa de Rui Barbosa
Orquestra Sinfônica Brasileira
Universidade do Estado de São Paulo – USP
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Universidade Federal da Bahia – UFBA
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Homenagens

Francisco Mignone, centenário de nascimento
Oscar Lorenzo Fernandez, centenário de nascimento
Camargo Guarnieri, 90º aniversário de nascimento

Ministério da Cultura
Fundação Nacional de Arte – FUNARTE
Coordenação de Música

XII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Rio de Janeiro, 25 de outubro / 4 de novembro de 1997

Dia	Hora	Local	Programa
SAB 25	16:30	Theatro Municipal	Concerto de abertura: Mignone / Guarnieri Orquestra Sinfônica Brasileira
SEG 27	18:00	Sala Cecília Meireles	Câmara / Coro infantil / Camerata de Violões do Conservatório Brasileiro de Música
	21:00	Sala Cecília Meireles	Câmara / Grupo Música Nova da UFRJ Amazônia Jazz Ensemble.
TER 28	18:00	Sala Cecília Meireles	Câmara / Grupo Contemponoro
	21:00	Sala Cecília Meireles	Orquestra de Câmara da Bienal
QUA 29	21:00	Sala Cecília Meireles	Câmara / Trio Brasileiro / Quarteto Continental
QUI 30	18:00	Sala Cecília Meireles	Grupo de Percussão do Insrituto de Artes do Planalto / UNESP
SEX 31	18:00	Sala Cecília Meireles	Câmara / Camerata Contemporânea / Quarteto Harmos / Quarteto Brasileiro de Voloncelos
	21:00	Escola de Música da UFRJ	Música Cênica e Multimeios
SAB 01	16:30	Sala Cecília Meireles	Bahia Ensemble
	21:00	Escola de Música da UFRJ	Música Eletroacústica
DOM 02	16:30	Sala Cecília Meireles	Grupo Novo Horizonte / Ensemble Nord
	21:00	Sala Cecília Meireles	Trio Semplice Orquestra de Cordas da UNISINOS / Duo Assad
SEG 03	18:00	Casa de Rui Barbosa	Encontro de compositores Brasil/Dinamarca Ensemble Nord – música dinamarquesa
TER 04	18:00	Sala Cecília Meireles	Quinteto Villa-Lobos / Quinteto Tempos
	21:00	Sala Cecília Meireles	Grupo de Música Contemporânea da UFMG Concerto de encerramento: Lorenzo Fernandez Orquestra Sinfônica Brasileira

XII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Sábado, 25 de outubro de 1997 – 16:30h

CONCERTO DE ABERTURA

comemorativo do centenário de nascimento de Francisco Mignone
e do 90º aniversário de nascimento de Camargo Guarnieri

Programa

I

Francisco Mignone *Suíte brasileira* (1960)

Na cabana do pai Zuzé

Modinha

Batuque

4ª Fantasia brasileira para piano e orquestra (1936)

solista: Maria Josephina Mignone

II

Camargo Guarnieri *Seresta para piano e orquestra* (1965)

Decidido

Sorumbático

Gingando

solista: Laís de Souza Brasil

Francisco Mignone *Sinfonia tropical* (1958)

Orquestra Sinfônica Brasileira

regente: Mário Tavares

XII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

SALA CECÍLIA MEIRELES

Segunda-feira, 27 de outubro de 1997 – 18:00h

Programa

I

- Arthur Kampela *Percussion Study I* (1990/91)
violão: Fábio Adour
- João Mendes *Violofônika* (para 8 violões – 1996)
Camerata de Violões do Conservatório Brasileiro de Música
- Tato Taborda *Sopro **** (1997)
violino: Mariana Salles
violoncelo: Cláudia Grosso Couto
piano: Tato Taborda
- Luigi Irlanđini *Matrimônio do céu e da terra* (2ª versão; 1994/96)
corn Inglês: Carlos Ernst; percussão: Luiz d'Anunciação (concertantes)
violino I e crócalos: Tatiana Grubic; violino II: Mauro R. Martins
viola: Ivan Nirenberg; violoncelos: David Chew, Fernando Bru
flauta em sol: Andréa Ernst; oboé: Harold Emert; fagote: Ariane Petri
clarineta: Cristiano Alves; trompa: Antônio J. Augusto
regente: Ricardo Wilson da Rocha

II

- Jorge Antunes *Rimbaudiannisia MCMXCV *** (1994)
para coro infantil, máscaras, luzes e conjunto instrumental
Meninas e Meninos Cantores dos Canarinhos de Petrópolis
maestro preparador: Gilberto Bittencourt
solos vocais: Carla de Brito, Joana Thomé, Merle Orcutt
preparação vocal: Eliane Sampaio
flauta: Andréa Ernst; oboé Harold Emert; clarone: Cristiano Alves
clarineta: Lúcia Morelenbaum; corn Inglês: Carlos Ernst
fagote: Ariane Petri; trombone: Marco Antônio de la Favera
violino: Tatiana Grubic; viola: Nelson de Macedo
violoncelo: Fernando Bru; contrabaixo: Rudolf Kroupa
percussão: Luiz d'Anunciação
regente: Jorge Antunes

*** *estréia mundial* ** *estréia no Brasil* * *estréia no Rio de Janeiro*

XII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

SALA CECÍLIA MEIRELES

Segunda-feira, 27 de outubro de 1997 – 21:00h

Programa

I

Antônio Guerreiro *Trovas ciganas* (1997)
soprano: Lucila Tragtenberg; piano: Ruth Serrão

H. Dawid Korenchender *Sonata para violino e piano* * (1989)
Sonataforma; Lied; Recitativo; Finale
violino: Erich Lehninger; piano: Ruth Serrão

II

Elaine Thomazi Freitas *Simulacrum* (1996)

José Orlando Alves *Quinteto* (1997)
Scherzo; Adagio; Rondó

Marcus Ferrer *Curuiri* * (1997)

Marisa Rezendê *Quatro poemas de Haroldo de Campos* (1996)
*O olho de Rá – Aguardas coxiabertas – Nervuras de
folhas – Libélulas*
tenor: José Paulo Bernardes

Marcos Nogueira *A jornada e o sonho* *** (1997)

Carlos César Belém *Deutsche vatapá* *** (1997)

Grupo Música Nova da UFRJ – regente: Flávia Vieira

III

Ricardo Tacuchian *GigaBite* * (1994)
flauta: Wilson Camargo Sena

Almeida Prado *Salmo 148 — Louvor Universal* *

Amazônia Jazz Ensemble

*** *estréia mundial* * *estréia no Rio de Janeiro*

XII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

SALA CECÍLIA MEIRELES

Terça-feira, 28 de outubro de 1997 – 18:00h

I

James Correa *Ékdysis* ** (1996)

Heber Schuneman *Seis dias do diário* *** (1996/97)

José Alberto Kaplan *Sonata para piano* (1991)

piano: Fernanda Canaud

Carlos Cruz *Gravuras de Rugendas* *** (1996)

Escravos colhendo café

Desembarque de negros

Festa da padroeira dos negros

clarineta: José Botelho; piano: Fernanda Canaud

Randolf Miguel *Trio nº 1* *** (1997)

Andante; Adagio; Allegro moderato

clarinetas: José Botelho, José de Freitas

fagote: Aloysio Fagerlande

Pablo Castelar *Canções da morte* (poemas de Vinicius de Moraes)

soprano: Daniela Carvalho; piano: Kátia Balloussier

Emilio Terrazza *Tango M.47*

sax soprano: Fernando Trocado; sax alto: Carlos Soares

sax barítono: Suely Faria; piano: Kátia Balloussier

II

Chico Mello *Da minha janela* * (1995)

Norton Dudeque *Dois para dois* * (1996)

Carmo Bartoloni *Pulsações* * (1994)

Berthold Tuerke *Encontram-se* * (1995)

Grupo Contemponoro
direção musical e regência: Chico Mello

*** *estréia mundial* ** *estréia no Brasil* * *estréia no Rio de Janeiro*

XII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

SALA CECÍLIA MEIRELES

Terça-feira, 28 de outubro de 1997 – 21:00h

Programa

I

Alfredo Barros *Prelúdio* *** (1996)

Sérgio Roberto de Oliveira *Suíte para cordas* (em seis movimentos – 1995)

Alexandre Schubert *Aura* (1996)

Alexandre Eisenberg *Meditatio IV (musica speculorum)* *** (1996)
oboé solo: Luiz Carlos Justi

II

Márcio Conrad *Sucessão em 6 episódios* (1995)
Aber-tura Rítmica So(m)bri(a)idade
Chromátika Quasi finale, quasi grandioso
Assentus

Sérgio Barboza de Souza *Âmago* ***

Cirlei de Hollanda *As sem-razões do amor*
poemas de Carlos Drummond de Andrade
Por que? – Lembrete
As sem-razões do amor – Mudança
soprano: Ruth Staerke

Orquestra de Câmara da Bienal

regente: João Guilherme Ripper

*** *estréia mundial*

XII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

SALA CECÍLIA MEIRELES

Quarta-feira, 29 de outubro de 1997 – 21:00h

Programa

I

Carlos de Lemos Almada *7 Miniaturas para violino e viola* *** (1995)
violino: Ana Oliveira; viola: Deborah Cheyne

Nestor de Hollanda Cavalcanti *Praise* (1997)
flauta: Andréa Ernest Dias; violino: Ana Oliveira
viola: Deborah Cheyne; violoncelo: David Chew

II

Lívio Tragtenberg *É sempre noite... por isso sentimos necessidade de luz*
(1989/93)
Quarteto Continental: violinos Márcia Lehninger e Daniel
Passuni; viola Sávio Santoro, violoncelo Ricardo Santoro

Guilherme Bauer *Cantos eróticos* (poemas de Gerson Valle – 1997)
Venus deitada – Venus fala deitada – Os passos de Venus
Sentidos dos passos de Venus – As costas de Venus
A eleição de Venus – Em frente à Venus
meio soprano: Merle Orcutt
barítono: Ildebrando Moura
Quarteto Continental: violinos Márcia Lehninger e Daniel
Passuni; viola Sávio Santoro, violoncelo Ricardo Santoro
direção cênica: Karen Aciolly
apoio técnico: AV Produções & Eventos

III

Murillo Santos *Duas peças populares (Nazarethiana)* (1997)

Marcus Barroso de Siqueira *Elegia op. 7* (1997)

Ronaldo Miranda *Alternâncias* (1997)

Trio Brasileiro

violino: Erich Lehninger, piano: Gilberto Tinetti, violoncelo: Watson Clis

*** estréia mundial

XII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

SALA CECÍLIA MEIRELES

Quinta-feira, 30 de outubro de 1997 – 18:00

Programa

I

Flo Menezes *On the other hand* *** (1997)

Mário Ficarelli *Tempestade óssea* *** (1997)

Edmundo Villani-Cortes *Impressões de um ensaio geral* *** (1997)

Eduardo Seincman *Seres Imaginários* *** (1997)

José Augusto Mannis *Arapongas* *** (1997)

II

Arrigo Barnabé *Um movimento para dois pianos e percussão* *** (1996)

piano: Paulo Braga, Arrigo Barnabé

percussão: J. C. Dalgalarondo, Carlos Tarcha

Rodolfo Coelho de Souza *Chiaroscuro* ** (1995/96)

piano: Paulo Braga

percussão: J. C. Dalgalarondo, Carlos Tarcha
sintetizador

H.-J. Koellreutter *Acronon* *** (1978/79)

transcrição de Sérgio Villafranca (1997), com o
poema *Tensão*, de Augusto de Campos

piano: Sérgio Villafranca

percussão: Carlos Tarcha, J. C. Dalgalarondo

Grupo de Percussão do Instituto de Artes do Planalto – UNESP

direção: John Boudler, Eduardo Giancesella

*** *estréia mundial* ** *estréia no Brasil*

XII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

SALA CECÍLIA MEIRELES

Sexta-feira, 31 de outubro de 1997 – 18:00h

Programa

I

Neder Nassaro *Cantos simbólicos* (1997)

Pré coisas (texto: Manuel de Barros)

Trajatória (texto: Walter Müller)

Penúltima palavra (texto: Jules Laforgue)

tenor: Patrick Schmidt; piano: Samuel Cardos

Aylton Escobar *Movimentos* (1970)

Elementos – Conjunção – Degeneração – Epílogo

Rubens Ricciardi *2 Miniaturas para flauta e piano* (1994)

Pauxy Gentil-Nunes *Quarteto cinético* (1992)

Caio Sena *A luneta mágica* (1997)

Parte I: *Introdução – A visão do Bem*

Parte II: *Introdução – A visão do Mal*

Epílogo

Camerata Contemporânea

II

Ernani Aguiar *Música para 4 violoncelos* (1997)

Eduardo Camenietzky *Presque, para 4 violoncelos* ** (1996)

Quarteto Brasileiro de Violoncelos

Paulo Santoro, Ricardo Santoro, Jorge Armando, Marcelo Sales

Vânia Dantas Leite *Peça em 4 elementos* (1997)

Matéria e mãos – Sonhos de tinta

As horas ondulam – O mundo provoca

Marcos Lucas *String Quartet* ** (1996)

Quarteto Harmos

violinos: Marcelo Palhares, Ana Cristina Gelape

viola: Marina Miglietta; *violoncelo:* Rigoberto Santos de Moraes

** *estréia no Brasil*

XII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ

Salão Leopoldo Miguez

Sexta-feira, 31 de outubro de 1997 – 21:00h

MÚSICA CÊNICA E MULTIMEIOS

Programa

I

- Luiz Carlos Csekö *Canções dos dias vão 5*
clarone: Luiz Eugênio Affonso
percussão: Carlos Tarcha, J. C. Dalgalarrondo
- Guto Caminhoto *Monólogo* (1996)
difusão: Rodolfo Caesar
- J. C. Dalgalarrondo *Mãos*
intérprete: J. C. Dalgalarrondo
- Roseane Yampolschi *Dialogues II* *** (1996)
ator/narrador: Eladio Pérez-González; clarineta: Paulo Passos
trombone: Lulu Pereira; violino: Marcelo Palhares
difusão: Rodolfo Caesar

II

- Igor Lintz-Maués *Unformung* ** (1994)
difusão: Rodrigo Cicchelli-Velloso
- Angélica Faria *Berenice*
barítono: Eladio Pérez-González; trompa: Sávio Faber
projeções: Angélica de Carvalho; luz: Lorena Sender
movimento: Sílvia Regina dos Anjos (Nilaya)
- Didier Gigue *Profile to A* (1997)
difusão: Didier Gigue
- Jocy de Oliveira *Sons do sacrifício de Iphigênia*
atriz: Helena Varvaki; clarone: Paulo Passos
difusão: Jocy de Oliveira

*** *estréia mundial* ** *estréia no Brasil*

XII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

SALA CECÍLIA MEIRELES

Sábado, 01 de novembro de 1997 – 16:30h

Programa

I

Pedro Augusto Dias *Fantasia* * (1996)

Fernando Cerqueira *Digressões* *** (1997)

*Antigos paradoxos – Marcha estranha – Estripulias
concertantes*

requinta: Pedro Robatto

Maria Helena Rosas Fernandes *Pau Brasil* *** (1996)

Mantiqueira – Xingu – Pampas

Cláudio Luz do Val *Noite (Nix)* *** (1997)

Paulo Costa Lima *Kabila* ** (1997)

flauta: Antônio Carlos Portela; oboé: Gustavo S. Carvalho
clarineta: Pedro Robatto; fagote: Cláudia Sales

II

Ilza Nogueira *Cinco canções de câmara* *** (1997)

(sobre textos poéticos e musicais de Ernst Widmer)

Pequenez – Giros – Calmaria – Encontro – Aura

soprano: Ana Paula Barreiro

Wellington Gomes *Poema sobre um tema de Cazuza* *** (1997)

Pedro Kröger *Introdução e allegro* * (1996)

Odemar Brígido *Nordeste em 4D* *** (1996)

Agnaldo Ribeiro *Da cor do limão verde* *** (op. 66; 1997)

Bahia Ensemble

regente: Piero Bastianelli

*** *estréia mundial* ** *estréia no Brasil* * *estréia no Rio de Janeiro*

XII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ

Salão Leopoldo Miguez

Sábado, 01 de novembro de 1997 – 21:00h

MÚSICA ELETRO-ACÚSTICA

Programa

I

Fernando Iazzetta *PerCurso* * (1997)
difusão: Fernando Iazzetta

Celso Aguiar *Todo azul, escrevo com lápis azul, num céu azul* * (1997)
difusão: Rodolfo Caesar

Victor Lazzarini *Vozes dentro* * (1996)
difusão: Victor Lazzarini

Fábio Adour *Invenção a duas vozes* (1996)

Rodrigo Cicchelli Velloso *15º Harmônico* ** (1994/96)
piano: Maria Teresa Madeira; difusão: Rodrigo C. Velloso

II

Calimério Soares *Enigmas* ** (1994)
trombone: João Luís Areias
difusão: Rodrigo C. Velloso

Ignácio de Campos *Expasum* * (1997)
difusão: Ignácio de Campos

Aquiles Pantaleão *Concreta* * (1997)
difusão: Rodolfo Caesar

Rodolfo Caesar *A noite em concha (fragmentos)* * (1994)
difusão: Rodolfo Caesar

Hélcio Müller *Ventos* * (1996)
flauta doce baixo: Hélcio Müller; difusão: Marco A Tureta

** *estréia no Brasil* * *estréia no Rio de Janeiro*

XII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

SALA CECÍLIA MEIRELES

Domingo, 02 de novembro de 1997 – 16:30

Programa

I

Edson Zampronha *Modelagem VII* (1996)

Hélio Ziskind *8 Clocks* (1996)

Vera Terra *On and beyond the piano* (1996)
piano preparado: Lidia Bazarian

Roberto Victório *Visões ígneas* (1997)
concerto para trombone baixo e grupo)
Movido – Sem pressa – Cadência – Enérgico
solista: Todd Murphy

Grupo Novo Horizonte

regente: Graham Griffiths

II

Sílvio Ferraz *De um tempo em deserto* *
Ensemble Nord (Dinamarca)

Ernst Mahle *Trio para flauta, violino e violão* ** (1995)
Trio Semplice (Dinamarca):
violino: Bjarne F. Hansen; flauta: Rune Most; violão: Peter Kuntz

Harry Crowl *Lumen de lumine* * (1996/97)
(concerto de câmara para violoncelo e 5 instrumentos)
Ensemble Nord (Dinamarca)

** *estréia no Brasil* * *estréia no Rio de Janeiro*

XII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

SALA CECÍLIA MEIRELES

Domingo, 02 de novembro de 1997 – 21:00h

Programa

I

Alexandre Birnfeld *O sonho de Dédalo* * (1996/97)

João Guilherme Ripper *Matinas para oboé e cordas* * (1996)
Contemplativo Com júbilo
solista: James Ryon

Ney Rosauro *Concerto para marimba e cordas* * (1986)
Saudação – Lamento – Dança – Despedida
solista: Ney Rosauro

II

Villa-Lobos *A lenda do caboclo*
Alma brasileira

Tom Jobim *Crônica da casa assassinada*

Egberto Gismonti *Baião malandro*
Água e vinho
Infância
transcrições: Sérgio Assad

Sérgio Assad *Eterna*
Samba

Edino Krieger *Concerto para dois violões e cordas* * (1994)
Toccata Sonares Volatas
solistas: Sérgio e Odair Assad

Orquestra de Cordas da Unisinos

regente: José Pedro Boéssio

* *estréia no Rio de Janeiro*

SALA CECÍLIA MEIRELES

Terça-feira, 4 de novembro de 1997 – 18:00h

Programa

I

Tim Rescala *Sexteto* (1997)

piano: Maria Tereza Madeira
Quinteto Villa-Lobos

Eduardo Campos *Marte* *** (1997)

Lourival Silvestre *Perfume secreto* * (1987)

Rufo Herrera *Kosmitus* * (1997)

Quinteto Tempos
direção, composição e arranjos: Rufo Herrera

II

Rogério Vasconcelos *Rota do vento* ***
(flauta, clarineta, fagote, violino, contrabaixo)

Eduardo Ribeiro *Saxouave* * (1994)
(sax solo)

Eduardo Campolina *Dark O'Bells* * (1992)
(fagote, *tape*)

Gilberto Carvalho *Poema negro* ***
(clarineta, *tape*)

Frederico Richter *Estudo staccato sincopado para fagote e piano* * (1984)

Oiliam Lana *3 Miniaturas* * (1991)

Sérgio Freire *Sexteto* * (1993)
(flauta, clarineta, fagote, sax, trombone, violino)

Nelson Salomé *Instantes (alla requiem)* * (1994)
(piano, flauta, clarineta, fagote, sax, trombone, violino)

Eduardo Bértola *Cantos a Ho* * (1993)
(flauta, clarineta, fagote, sax, trombone, violino, contrabaixo)

Grupo de Música Contemporânea da UFMG

*** *estréia mundial* * *estréia no Rio de Janeiro*

XII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

SALA CECÍLIA MEIRELES

Terça-feira, 04 de novembro de 1997 – 21:00h

CONCERTO DE ENCERRAMENTO

comemorativo do centenário de nascimento de Lorenzo Fernandez
organizado em colaboração com o Conservatório Brasileiro de Música

Programa

I

Lorenzo Fernandez *Imbapara* (poema ameríndio) (1928)

Interlúdio – Batuque (da ópera *Malasarte*, 1933)

II

Lorenzo Fernandez *Variações sinfônicas* (1948)

solista: Luís Carlos de Moura Castro

Orquestra Sinfônica Brasileira

regente: Roberto Tibiriçá

Conjuntos musicais e seus integrantes

obs.: nos programas, só são especificados os integrantes de trios e de quartetos

Amazônia Jazz Ensemble (Belém)

Fundação Carlos Gomes
Governo do Estado do Pará
apresentação: dia 27/10, 21:00
flauta: Arley Sidney Raiol Rodrigues
saxofones: Jacob Furtado Cantão, Marcos Vinicius R. Cardoso, Esdras Azevedo Souza, Harley Bichara de Souza, Carlos Eduardo dos Santos, Jairo Wilkens da Costa Souza
trompetes: Barry Marcel Ford, Renaldo da Costa Ferreira, Eser Azevedo Souza, Eduardo Gomes Carvalho, Jeremias Pinheiro da Silva
trombones: Ricardo Alberto Cabrera Castillo, Cristovam do Nascimento Figueiredo, Manassés Costa Malcher, Emerson André M. Ferreira
percussão: Ricardo Veloso de Aquino, Vanildo Palheta Monteiro, José Cláudio R. da Costa, Gabor Andras Tury
piano: Nelson Neves
guitarra: Nelson Teixeira C. Silva
contrabaixo: Príamo de Carvalho Brandão
cantora: Andréa Pinheiro
músicos extras: Serguei Dorokhov (trompa), Wilson Camargo Sena (flauta)
solistas: Luiza Camargo (piano), Oleg Andreev (clarineta), Irina Klimova (violino)
copista: Nelson Teixeira; *arquivista*: Emerson André M. Ferreira; *auxiliar*: Fábio A. Barros; *montador*: Wilthon Matos

Bahia Ensemble (Salvador)

Universidade Federal da Bahia
apresentação: dia 1/11, 16:30
flautim: Antônio Carlos Portela
flauta: Antônio Carlos Portela, Elena Rodrigues, Andréa Bandeira
oboé: Gustavo Seal Carvalho
clarineta: Pedro Robatto
fagote: Cláudia Sales
trompa: João Luiz Magalhães
trompete: Boanerges Castro, Joatan Nascimento
trombone: Gerson Barbosa
piano: Paulo Gondim
percussão: Jorge Sacramento, Oscar Mauchle
violino: Teodoro Ribeiro Salles, Ana Margarida Lima
viola: Roberto Urpia
violoncelo: Christian Knop, Cláudio Luz do Val
contrabaixo: Juracy Cardoso
voz: Ana Paula Barreiro
apoto: Antônio Abad Ferreira
coordenação: Ana Margarida Lima
regente: Piero Bastiannelli

Camerata Contemporânea (Rio de Janeiro)

apresentação: dia 31/10, 18:00
flauta: Pauxy Gentil-Nunes
clarineta: Paulo Passos
violino: Tatiana Grubic
violoncelo: Cláudia Grosso Couto
piano: André Carrara

Camerata de Violões do Conservatório

Brasileiro de Música (Rio de Janeiro)
apresentação: 27/10, 18:00
violão I: Paulo Pedrassolli, Gaetano Galifi
violão II: Fábio Adour, Célio Delduque
violão III: Valmyr de Oliveira, Rogério Borda
violão IV: Ricardo Filipino, Artur Gouvêa

Ensemble Nord (Dinamarca)

apresentação: dia 2/11, 16:30
flauta: Rune Most
clarineta: Peter Lindegaard
violoncelo: Otto Andersen
violão: Curt Kollavik-Jensen
piano: Sven Birch
percussão: Torsten Folke Pedersen

Grupo Contemponoro (Curitiba)

apresentação: dia 28/10, 18:00
flauta: Zélia Brandão
clarineta: Paulo Molina
saxofone: Rodrigo Capistrano
violão: Mário da Silva
viola: Júlio Coelho
arqui-laúde: Sérgio Silvestri
sopranos: Elke Riedel, Helma Haller
gaita de ponto: Manchinha
piano: Andréa Vizzoto
percussão: Carmo Bartoloni, Cristiane Gavazzoi, Paulo Dermarchi, Berchon Dias
direção musical, regência: Chico Mello

Grupo de Música Contemporânea da UFMG (Belo Horizonte)

apresentação: dia 4/11, 18:00
saxofone: Dilson Florêncio
flauta: Maurício Freire
trombone: Paulo Lacerda
clarineta: Maurício Loureiro
violino: Edson Queiroz
contrabaixo: Fausto Borém
fagote (convidado): Mauro Mascarenhas
piano (convidado): Ana Cláudia de Assis
engenharia de som: Sérgio Freire
regência: Oilliam Lana

Grupo de Percussão do Instituto de Artes do Planalto – UNESP (São Paulo)

apresentação: dia 30/10, 21:00
piano: Cláudio Tegg
percussão: Adriano Pinto, Daniel Lemos, Edinei Lima, Gláucia Vidal, Gustavo Ramanzini, Luis Carlos de Oliveira, Marcelo Costa, Mário Gaiotto, Piero Damiani, Rafael y Castro, Rodrigo Foti, Vinicius Barros
direção: John Boudler, Eduardo Giancesella

Grupo Música Nova da UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro
CNPq (apoio)

apresentação: 27/10, 21:00

violino: Antonella Pareschi

violoncelo: Saulo Moura

contrabaixo: Alexandre Brasil

clarineta: André Luís Góis

trombone: João Luiz Areias

piano: Marisa Rezende, Flávia Vieira

regente: Flávia Vieira

coordenação: Marisa Rezende

Grupo Novo Horizonte (São Paulo)

apresentação: dia 2/11, 16:30

flautim, flauta em sol: Marcelo Barbosa

clarineta, clarone: Otinilo Pacheco

saxofone alto: Vadim Arsky

trompa: Graziela Borz

trompetes: Anor Luciano Júnior

trombones: Todd Murphy

percussão: Eduardo Giancesella, Roberto Saltini

piano, piano preparado: Lídia Bazarian

contrabaixo: Rubens Dedono

soprano convidado: Simone Foltran

regente: Graham Griffiths

Orquestra de Câmara da Bienal (Rio de Janeiro)

apresentação: dia 28/10, 21:00

violino I: Ana Maria Ramos, Márcia Lehninger, Antonella Pareschi, Marluce Ferreira

violino II: Ricardo Menezes, Maluh Guarino, Verônica Veliz, Rogério Rosa

viola: Sávio Santoro, José Taboada, Francisco Pestana

violoncelo: Marcelo Sales, Paulo Santoro, Ricardo Santoro

contrabaixo: Sandrino Santoro, Antônio Arzzola

regência: João Guilherme Ripper

Orquestra de Cordas da UNISINOS (São Leopoldo, RS)

apresentação: dia 2/11, 21:00

spalla: Vagner Cunha

kviolinos: André Coimbra Meneghello, Arthur Barbosa Neto, Geraldo Moori, João Campos Neto, Rogério Nuines, Juan Pablo Correa Grossweiler, Mábio Rocha Duarte, Omar José Aguirre Trinagytych, Emerson Luiz Kretlschner, Maria de Lourdes Justi, Marta Brietzke, Álvaro Aguirre Trinagytych, Marta Brietzke, Álvaro Aguirre Trinagytych

violas: Delmar Breunig, Isabel Duschitz, Elisa Moori Pinto

violoncelos: Milene Aliverti, Alexandre Diel, Lisiane de los Santos, Adriane Savytzki Jaconi, José Venceslaw C. Moreira

contrabaixos: Milton Masciadri, Ana Paula Freire

coordenadora: Clarice Aquista Pace

regente: José Pedro Boéssio.

Orquestra Sinfônica Brasileira (Rio de Janeiro)

apresentações: dia 25/10, 16:30; dia 4/11, 21:00

regentes Mário Tavares; Roberto Tibiriçá

Quarteto Brasileiro de Violoncelos (Rio de Janeiro)

apresentação: 31/10, 18:00

Paulo Santoro, Ricardo Santoro, Jorge Armando, Marcelo Sales

Quarteto Continental

apresentação: dia 29/10, 21:00

violinos: Márcia Lehninger, Daniel Passuni

viola: Sávio Santoro

violoncelo: Ricardo Santoro

Quarteto Harmos

apresentação: dia 31/10, 21:00

violinos: Marcelo Palhares, Ana Cristina Gelape

viola: Marina Miglietta

violoncelo: Rigoberto Santos de Moraes

Quinteto Tempos (Belo Horizonte)

apresentação: dia 4/11, 18:00

violoncelo: Antônio Maria Pompeu Viola

violão: Clayton Daunis Vetromilla

vibrafone: Eduardo Campos

contrabaixo: Fernando Santos

bandoneon: Rufo Herrera

direção, composição e arranjos: Rufo Herrera

Quinteto Villa-Lobos (Rio de Janeiro)

apresentação: dia 4/11, 18:00

flauta: Antônio Carlos Carrasqueira

oboé: Luís Carlos Justi

clarineta: Paulo Sérgio Santos

trompa: Philip Doyle

fagote: Aloysio Fagerlande

Trio Brasileiro

apresentação: 29/10, 21:00

violino: Erich Lehninger

violoncelo: Watson Clis

piano: Gilberto Tinetti

Trio Semplice (Dinamarca)

apresentação: 2/11, 16:30

violino: Bjarne F. Hansen

flauta: Rune Most

violão: Peter Kuntz

Comentários sobre as obras

obs.: informações por ordem alfabética dos compositores. A maioria dos textos transcreve ou sintetiza anotações por eles fornecidas; os casos excepcionais estão assinalados. Os nomes dos compositores aparecem mesmo quando não há comentário.

Aginaldo Ribeiro (Jequié, BA, 1943), *Da cor do limão verde* (op. 66, 1997):

A estrutura se apoia em jogo timbrístico entre fragmentos variados e contínuos que aparecem como elemento complementar de um momento formado. O conjunto é utilizado quase sempre em *tutti* e o elemento-base fica por conta do somatório ritmo/cor/harmonia. Na construção harmônica predominam os acordes montados por superposição de segundas (*clusters*) com a conseqüente diversidade de cores, de climas, e o jogo tenso e contrastante de comportamentos sonoros. (dia 1/11, 16:30)

Alexandre Birnfeld, *O sonho de Dédalo* (1996/97):

Na mitologia grega, Dédalo era o pai de Ícaro. A peça está, basicamente, num único andamento; as variações de velocidade são feitas mediante distensões e contrações de ritmos. Ela começa com notas longas a partir de série dodecafônica que gera motivos geradores de frases à medida que o movimento rítmico aumenta. O ponto culminante, na última seção, confirma o processo de adensamento rítmico e melódico. (dia 2/11, 21:00)

Alexandre Eisenberg (Rio de Janeiro, 1966), *Meditatio IV (Musica speculorum)* (1996):

Integra uma série de meditações musicais para várias formações instrumentais, inspiradas no processo de meditação oriental (*ascensão/busca – êxtase – retorno*) e nas cadeias de significados apresentados pela etimologia cabalística do idioma hebreu. A referência a espelhos no subtítulo é dirigida mais às permutações semânticas operadas na etimologia hebraica do que a espelhos musicais. (dia 28/10, 21:00)

Alexandre Schubert (Manhumirim, MG, 1970), *Aura* (1996):

A partir da acumulação gradativa de material por processos de textura, o autor pretende criar diferentes níveis de densidade sonora que exploram recursos tímbricos dos instrumentos em busca da formação de uma *aura* de sons. (dia 28/10, 21:00)

Alfredo Barros (Teresina, PI, 1966), *Prelúdio* (1996):

Obra composta sobre um moto contínuo cuja característica principal é a métrica ternária articulada de forma binária nas primeira e terceira partes. Os aspectos melódico-harmônicos derivam de uma combinação de acordes alterados e diminutos definindo, apesar da melodia fluida, uma ambientação relativamente tensa e dramática. À segunda parte é reservada uma ambientação genérica de sabor modal nordestino, marcando um contraste claro com relação às outras duas partes. (dia 28/10, 21:00)

Almeida Prado, José Antônio Rezende de (Santos, SP, 1943), *Salmo 148 – Louvor universal*:

De cunho religioso, sem ser sacra, a obra descreve os diferentes momentos do salmo servindo-se, também, de elementos amazônicos regionalizando o universal. Está na forma *ABC*, onde um *intermezzo* tranqüilo e meditativo separa duas partes fulgurantes no louvor ao Criador:

Louvai ao Senhor. (...)

Louvai-o, sol e lua; louvai-o, todas as estrelas luzentes.

Louvai-o, céus dos céus, e as águas que estão sobre os céus. (...)

Montes e todos os outeiros, árvores frutíferas e todos os cedros;

As feras e todos os gados, répteis e aves voadoras. (...)

(dia 27/10, 21:00)

Angélica Faria (Rio de Janeiro), *Berenice*:

Baseada em conto de Poe e dedicada a Eladio Pérez-González, a música utiliza concepções eletroacústicas para elaborar imagens sonoras que se instalam no texto, num panorama híbrido onde modos não convencionais exploram a multiplicidade unindo a voz e a trompa na discussão claro/escuro, peso/leveza. (dia 31/10, 21:00)

Antônio Guerreiro (Rio de Janeiro, 1949), *Trovas ciganas* (1997):

Trovas improvisadas em festas de ciganos do grupo calom, no bairro da Catumbi, Rio de Janeiro, foram recolhidas por Melo Moraes Filho; elas constituem a base dessa obra. (dia 27/10, 21:00)

Aquiles Pantaleão (São Paulo, 1965): *Concreta* (1997)

Concreta provém da manifestação da natureza, da matéria e de seus benefícios. O termo “material” é utilizado tanto para se referir a recursos estético-estruturais como a elementos sonoros e é deliberadamente entendido em direção à “fiscalidade” e energia dos fenômenos naturais. Os materiais rudes, em estado natural, explorados nos primeiros minutos, vão se tornando gradualmente mais refinados e abstratos, mantendo porém suas energias brutas e timbres originais. Técnicas de *cross-synthesis*, granulação e *phase-vocoding* concentram os variados métodos de transformação utilizados. O título é uma referência aos blocos de concreto que fornecem a maioria dos materiais e também uma homenagem à música concreta. (dia 1/11, 21:00)

Arrigo Barnabé, *Um movimento para dois pianos e percussão* (1996):

A obra está baseada em material da música *Office boy* que está no álbum *Clara Crocodilo*. Sem a camisa de força da letra foi possível dar um maior desenvolvimento ao material e mais livre curso à fantasia de aproveitar ao máximo todas as possibilidades oferecidas. Assim, aspectos obscuros em versão anterior puderam ser melhor explorados. (dia 30/10, 18:00)

Arthur Kampela (Rio de Janeiro, 1960), *Percussion Study I* (1990/91):

Peça extraída de uma série de estudos para violão que visa coordenar novas possibilidades de manipulação do instrumento com parâmetros estruturais como altura, duração e timbre. A criação da *tapping technique* permite tratar ruídos e notas dentro de uma mesma flexibilidade rítmica. Para valorizar a aparição de tais efeitos em combinações diversas, o compositor lançou mão de estrutura rítmica complexa (quíalteras sob quíalteras) que funciona como um filtro estrutural; notas e efeitos são continuamente reprocessados e surgem à superfície do discurso musical em momentos privilegiados. (dia 27/10, 18:00)

Aylton Escobar: *Movimentos* (1970)

(dia 31/10, 18:00)

Berthold Tuerke: *Encontram-se* (1995):

Ciclo de cinco peças baseadas em quadros e textos do artista plástico alemão Gerhard Attenbourg, por ocasião de sua exposição no Museu Metropolitano de Curitiba, em agosto de 1995. (dia 28/10, 18:00)

Caio Sena (São Paulo, 1958): *A luneta mágica* (1997):

O título e os movimentos se originam do livro de Joaquim Manuel de Macedo que trata da transformação do personagem principal, incapaz de se relacionar com outras pessoas. Mediante duas lunetas mágicas, ele passa a ver o Bem e o Mal em seus semelhantes. O compositor não utilizou o conto como um programa ou enredo, mas aproveitou as semelhanças e diferenças contidas na idéia de um Bem ou um Mal absolutos para criar movimentos contrastantes e de textura semelhante. (dia 31/10, 18:00)

Calimério Soares: *Enigmas* (1994):

Dois importantes experimentos composicionais são representados: a busca de novos timbres e a exploração total da extensão do instrumento. A estrutura da peça é mais ou menos ternária mas guarda um desenvolvimento multiseccionado subdividido em três segmentos distintos: $A - B (b - c - b') - A'$. A melodia inicial sincopada desenvolve-se apresentando rupturas métricas abruptas, produzidas pela alternância das partes metrificadas com as livres, mas de aleatoriedade controlada. Os grandes saltos e *glissandi* propiciam o equilíbrio entre claro-escuro, suavidade/tensão. (dia 1/11, 21:00)

Camargo Guarnieri (São Paulo, 1907/1993), *Seresta para piano e orquestra* (1965):

Ao contrário do que o título pode sugerir, essa não é uma seresta lírica, mas uma sublimação da música de choro em sua riqueza de contracantos e de contra-ritmos. O primeiro movimento, *Decidido*, servindo-se apenas de colcheia e semínima, cria uma rítmica fecunda e personalíssima que alia a alternância de compassos a uma rica variedade de acentos com um aproveitamento inusitado da eloquência das pausas. A tendência de Guarnieri para o contraponto tem excepcional rendimento, numa movimentação das partes que parece ignorar limites. No *Sorumbático*, temos a presença inicial da quintessência da modinha, seguida de outro tema criado em instrumentação preciosa. O *Gingando* aproxima-se mais das raízes nacionais, com um primeiro tema que revive o clima da embolada. No segundo tema, a energia alegre da melodia e a impulsividade rítmica transbordam vitalidade. O climax é atingido com a apresentação conjunta do primeiro tema no piano e do segundo na orquestra, procedimento a seguir invertido e de impactante resultado nas duas versões. A obra termina numa convicta síncopa. (notas por Laís de Souza Brasil; dia 25/10, 16:30)

Carlos César Belém (Rio de Janeiro, 1965), *Deutsche vatapá* (1997):

Composta para o Grupo Música Nova, a obra procura explorar multiplicidade e simultaneidade de planos e texturas sonoras, misturando elementos comuns à vanguarda da década de 1970 a outros mais característicos da cultura brasileira. (dia 27/10, 21:00)

Carlos Cruz (Vitória, 1936), *Gravuras de Rugendas* (1996):

A obra se inspira em três gravuras de Rugendas: *Escravos colhendo o café*; *Desembarque de negros*; *Festa da padroeira dos negros*. O caráter virtuosístico é alternado com seqüências expressivas de nossa música negra. (dia 28/10, 18:00)

Carlos de Lemos Almada (Paraíba do Sul, RJ, 1958), *Sete miniaturas para violino e viola* (1995):

Escritas em diferentes estilos musicais populares, as peças têm em comum, além do tratamento contrapontístico, o caráter aforístico e uma certa leveza descompromissada. (dia 29/10, 21:00)

Carmo Bartoloni: *Pulsações* (1994):

A obra está concebida em torno de uma pulsação fixa que se apresenta clara em seu início, num trecho bastante rítmico e acelerado, que é seguido por um movimento lento, quando o pulso vai sendo bombardeado por ritmos irregulares. A pulsação retorna aos poucos numa seção improvisatória para culminar num uníssono bastante rítmico e determinado. A inspiração veio dos instrumentos japoneses *tkiko*. e a instrumentação é simples: os tambores procuram explorar as capacidades timbrísticas das peles. (dia 28/10, 18:00)

Celso Aguiar (Palo Alto, EUA, 1957), *Todo azul, escrevo com lápis azul, num céu azul* (1997):

A transformação das identidades sonoras é vista como metáfora da transformação de nossa consciência. Sons de violoncelo e de percussão metálica constituem os materiais básicos de transformação, com a percussão sempre presente e os sons originais daquele instrumento decompostos em seus elementos mais simples. São criados paralelos (*lâpis azul, num céu azul*) entre universos aparentemente distintos. (*dia 1/11, 21:00*)

Chico Mello (Curitiba, 1959), *Da minha janela* (1995):

O título refere-se à multiplicidade de sons e diversidades culturais que posso escutar da minha janela real (no verão berlinense, com seus sonoros pátios) e imaginário – fragmentos culturais justapostos pela sonoridade ou pela memória. A versão original é para viola, percussão e celesta. (*dia 28/10, 18:00*)

Cirlei de Hollanda, *As sem-razões do amor* (*dia 18/10, 21:00*)

Cláudio Luz do Val (Belo Horizonte, 1958), *Noite (Nix)* (1997):

Para os seguidores de Orfeu, o princípio de todas as coisas é Cronos, o Tempo, deus devorador que teria originado o Eter e o Caos. Em redor do Caos havia a Noite, que abraçava o grande espaço como uma casca, conferindo-lhe o aspecto de ovo gigantesco. Ainda para os órficos, a Noite também era uma ave negra de enormes asas que, fecundada pelo vento, pôs um ovo de prata no seio da escuridão original. Desse ovo saiu Eros, o Amor Universal, o Protógonos. (*dia 1/11, 16:30*)

Didier Guigue (França, 1954), *Profile to A* (1997):

A obra faz parte de *Vox Victiae* (*apud* Augusto dos Anjos) e explora estruturas teleológicas deterministas. Sua infraestrutura consiste numa seqüência que interpola dois acordes em 44 passos; o material sonoro provém de amostra digitalizada de piano. A superestrutura modifica cada acorde numa seleção de parâmetros eletroacústicos que afetam o som original, como o transiente inicial de ataque, a abertura do filtro de corte, o *delay*, o *pitch shift* micro-tonal. (*dia 31/10, 21:00*)

Edino Krieger (Brusque, SC, 1928), *Concerto para dois violões e cordas* (1944):

O caráter do primeiro movimento, *Toccata*, é desde o início definido por um motivo rítmico vigoroso, com sua pulsação obstinada. A figura melódica ascendente em terças, que introduz os solistas, fornece o material temático predominante do movimento. Mais tarde surge uma segunda idéia, em notas rebatidas. A volta do primeiro tema leva a uma vigorosa conclusão dessa parte. O movimento seguinte, *Sonares*, combina elementos melódicos e harmônicos dentro de uma estrutura livre. As longas frases meditativas e as típicas inflexões modais dos violeiros nordestinos constituem uma base para a longa dissertação dos instrumentos solistas. O último movimento, *Volatas*, é uma seqüência de figurações velozes dos solistas apoiados em pedais rítmicos das cordas. Uma figura à maneira de baião caracteriza o segundo tema, seguido de longa cadência que trata virtuosisticamente as idéias temáticas anteriores. Breve recapitulação conduz o movimento a um final vertiginoso. (*dia 2/11, 21:00*)

Edmundo Villani-Côrtes (Juiz de Fora, MG, 1930), *Impressões de um ensaio geral* (1997):

O compositor procurou transmitir o ambiente tumultuado que precede um ensaio de escola de samba. O badalar de sinos de igreja é o sinal para o início do ensaio interrompido por tiros, sirenes de polícia etc.; a obra termina com lamentoso solo de cuica. (*dia 30/10, 18:00*)

Edson Zampronha (Rio de Janeiro, 1963), *Modelagem VII* (1996):

Modelagem – modelo no sentido abstrato – ato de modelar no sentido tátil (ou audível). Os modelos abstratos, corporificados no próprio som, são emergências da materialidade sonora; a linguagem emerge da matéria e nela se manifesta. A linguagem baseia-se nas diferenças e divergências que resultam da interação entre processos, que criam a força da composição – linguagem-modelagem não-linear, não-determinista, dinâmica, irreversível e auto-referenciada. (*dia 2/11, 16:30*)

Eduardo Bértola (Córdoba, Argentina), *Cantos a Ho* (1993):

Dos pontos de vista estrutural e semântico, trata-se de uma evocação e um tributo ao poeta Ho-Chi-Minh, cujos textos de inigualável beleza produziram uma forte emoção no autor, dando assim os elementos fundamentais para a gênese da obra. (*Dia 4/11, 18:00*)

Eduardo Camenietzki (Rio de Janeiro, 1957), *Presque, para 4 violoncelos* (1997):

Criada sobre as possibilidades de não completar uma idéia musical, a peça explora as sonoridades de quatro violoncelos à procura do patético, do poético, do cômico. É formada por cinco fontes de base temática breve: luminância; B.A C.H.; pentatlon; fuga; tentativa final. (*dia 31/10, 18:00*)

Eduardo Campolina, *Dark O'Bells* (1992):

Nessa peça para fagote e *tape*, a trilha eletrônica baseou-se inteiramente em fragmentos da parte de fagote. (*dia 4/11, 18:00*)

Eduardo Campos, *Marte* (1997):

A obra está concebida como uma exploração tímbrica da articulação de diversos motivos rítmicos. (dia 4/11, 18:00)

Eduardo Ribeiro (Belo Horizonte, 1963), *Saxouave* * (1994):

Em estilo atonal livre, a peça desenvolve pequenos padrões onomatopáicos sugerindo cantos de pássaros fictícios e ruídos da natureza. (dia 4/11, 18:00)

Eduardo Seincman (São Paulo, 1955), *Seres imaginários* (1997):

Inspirada em *O livro dos seres imaginários*, de Jorge Luis Borges, essa é uma obra "orquestral" para 13 percussionistas que procura traduzir a estranheza desses seres mediante timbres, ritmos e combinações sonoras peculiares. A divisão da percussão em naipes (metais, peles, teclados, ruídos) pretende melhor representar a gama que vai do grotesco e do sombrio ao luminoso desses seres. (dia 30/10, 18:00)

Egberto Gismonti, *Baião malandro – Água e vinho – Infância*

(dia 2/11, 21:00)

Elaine Thomazi Freitas (Caxias do Sul, RS, 1970), *Simulacrum* (1996):

A composição foi feita a partir de uma idéia central de contrastes, tanto em relação aos instrumentos quanto a um possível seccionamento interno. Há um desenvolvimento contínuo pela transformação dos materiais, com ênfase na elaboração de diferentes texturas e agrupamentos tímbricos. Nas passagens mais individuais, a possível liberdade de andamentos reforça uma percepção de tempo irregular. (dia 27/10, 21:00)

Emilio Terraza (Bahia Blanca, Argentina, 1929), *Tango – M.47*:

Não há em realidade uma música erudita e outra popular, mas uma forma de tratamento e nesse caso a 'erudição' é um compromisso a assumir com qualquer gênero. (...) A arte deve atender às mais diversas formas de manifestação do espírito em sua diversidade de estados anímicos e essa é mais uma tentativa nesse sentido. (dia 28/10, 18:00)

Ernani Aguiar (Petrópolis), *Música para 4 violoncelos* (1997):

A primeira parte, *Divertimento*, tem caráter rítmico e vivo, com origem em danças brasileiras. O *Canto do crepúsculo* baseia-se em canto de camponeses após o término dos trabalhos do dia. E o *Rasqueado*, nome que designa maneira de tocar o violão, está na origem de ritmos que absorveram esse nome. (dia 31/10, 18:00)

Ernst Mahle (Stuttgart, Alemanha, 1929): *Trio para flauta, violino e violão* (1995)

No *Allegro moderato*, o primeiro tema é uma melodia expressiva com rubato e harmonia cromático-enarmônica, em caráter nostálgico. O segundo tema, no modo lídio-mixolídio, surge após um motivo inicial pentatônico. As terças paralelas dão um caráter suave, ocasionalmente interrompido por falsa relação. Na coda aparecem notas em pedal. O desenvolvimento combina vários elementos e um pedal no violão precede a reprise. O *Andantino* é de caráter impressionista. São utilizados harmônicos; a harmonia é pentatônica, baseada nas cordas soltas do violão. Elementos bem brasileiros – ritmo bem sincopado e estilo chorinho – aparecem no *Vivo*; como uma espécie de segundo tema, é intercalada uma valsa, suplantada pelo chorinho nos últimos compassos. (dia 2/11, 16:30)

Fábio Adour (Rio de Janeiro, 1973), *Invenção a duas vozes* (1996):

Uma textura pontilhista de sons muito breves acompanha o discurso musical de sons de cristais gravados e transformados. Os cristais fazem incursões nas texturas pontilhistas e os sons sintéticos procuram imitar os timbres e perfis desenvolvidos pelos cristais, que geram trechos de muita complexidade polifônica. Depois do clímax há uma cerrada invenção a duas vozes, com as duas fontes sonoras timbricamente bem transformadas. (dia 1/11, 21:00)

Fernando Cerqueira (Ilhéus, BA, 1941), *Digressões* (1997):

A obra compõe-se de cinco séries de alturas tonalmente corrompidas e uma frase melódico-rítmica primata de estrutura étnico-sintética. *Inundação ou lençol freático? A forma surpreendida enquanto ultrapassada*. (dia 1/11, 16:30)

Fernando Iazzetta, *PerCurso* (1997):

O material sonoro da obra deriva de sons de palmas que aparecem nos segundos iniciais, trabalhados e processados com auxílio de várias técnicas e programas de computador até dar origem a extensa biblioteca de sons. A peça procura responder ao desafio de transformar sons curtos e pontuais em material suficientemente rico para uma composição. (dia 1/11, 21:00)

Flô Menezes (São Paulo 1961), *On the other hand* (1997):

Os instrumentos são divididos em dois grupos: o primeiro (sobretudo teclados) sob o palco e o segundo (sobretudo instrumentos metálicos de ressonância) espalhado em volta do público; nos instantes finais da obra emerge do meio do teatro um último instrumentista. Cada grupo tem seu regente. O percurso eletroacústico do autor comanda a espacialização dos instrumentos ou de certos acontecimentos harmônicos, ou ainda a paulatina transformação da qualidade espectral da obra; é também esse percurso que dita o desafio de realizar com meios instrumentais uma concepção essencialmente eletroacústica. (dia 30/10, 18:00)

Francisco Mignone (Campinas, SP, 1897; Rio de Janeiro, 1986):

- *4ª Fantasia brasileira* (1936): baseia-se em dois temas carnavalescos muito em voga no Rio de Janeiro de 1935. É o carnaval carioca que se desenrola à luz do luar – são cânticos de amor que se misturam ao ensurdecido barulho dos ranchos.
- *Sinfonia tropical* (1958): o compositor quis sugerir a impressão musical da pororoca e apela, necessariamente, para as cores mais vivas de sua palheta. Num único movimento, a obra começa com tema no registro grave da clarineta. Luxuriantes efeitos se fazem ouvir – desenhos incisivos dos instrumentinos e dos metais, entrecortados por golpes de percussão – precedendo movimentada passagem em que trompetes e trombones se perseguem em imitações. As cordas lançam tema melódico retomado pela flauta. O desenvolvimento ostenta ricas combinações timbrísticas e rara habilidade no tratamento contrapontístico. A reexposição vem com tumultuosa marcha e a volta do primeiro tema.
- *Suíte brasileira* (1960)
(dia 25/10, 16:30)

Frederico Richter (Porto Alegre, RS, 1932), *Estudo staccato sincopado para fagote e piano* (1984):

Pequena peça de efeito para mestres nos instrumentos, pela dificuldade que apresenta. A estética é moderna e a linguagem atonal. Acima de tudo, trata-se de música brasileira. (dia 4/11, 18:00)

Gilberto Carvalho (Niterói, 1952), *Poema negro* (1997):

É do poema homônimo de Augusto dos Anjos que a obra extrai seu conteúdo sintático e semântico. O material do *tape* é constituído de sons de clarineta previamente gravados e processados, bem como de instrumentos sintéticos. Do ponto de vista da escritura musical, o clarinetista e o *tape* interagem em importância de acordo com cada seção da obra, cada um comentando o texto descrito pelo outro. (dia 4/11, 18:00)

Guilherme Bauer (Rio de Janeiro, 1950), *Cantos eróticos* (1997):

Os poemas, escritos por solicitação do compositor, tratam de visões e sensações de sexualidade do ponto de vista do homem e da mulher. Os seis primeiros alternam a masculinidade e a feminilidade; o sétimo é o encontro do homem e da mulher. A voz de barítono alterna com a de meio-soprano, ambos acompanhados por um quarteto de cordas para expressar, contrastantemente, os desejos e satisfações de ambos os sexos. Algumas vezes o compositor utiliza modos, como o hipodórico na primeira canção, ou um outro de seis notas na tranquilidade do fraseado modal da segunda canção, com acompanhamento de insistentes terças nos dois violinos que acabam por atingir um sentimento de satisfação, como um acalanto para a mulher deitada. Os modos são transformados ao longo de algumas canções, que vão assim “perdendo os modos”, tornando-se canto livre do amor. (dia 29/10, 21:00)

Guto Caminhoto / Antônio Augusto Caminhoto Neto (Londrina, 1967), *Monólogo* (1996):

São usados sons sintetizados por computador e sons naturais processados em PC 486. O material preparado mais importante é a voz (palavras faladas e gravadas), além de vezes sintetizadas por computador através do *software* “Csound”. Foram também utilizados sons de sinos, pedras, madeiras e outros sons sintetizados. (dia 31/10, 21:00)

Harry Crowl (Belo Horizonte, 1958), *Lumen de lumine* (1996/97):

Esse concerto de câmara para violoncelo e cinco instrumentos é uma composição onde os efeitos de luz observados na natureza foram livremente transpostos para 31 sons dos instrumentos, sem qualquer tentativa de relacionamento científico de imagens com sons. Ele começa na região aguda de todos os instrumentos e desloca-se gradualmente para os sons graves fundamentais do final. Dentro de um discurso atonal livre o compositor procurou transpor impressões para a música como se pintasse um quadro abstrato, a partir da intensa experiência vivida entre regiões tão distantes e diferentes como as ilhas Faroé, Minas e a Serra do Mar no sul do país. (dia 2/11, 16:30)

H.-Dawid Korenchandler (Rio de Janeiro, 1948), *Sonata para violino e piano* (1989):

Dividida em quatro movimentos, combina a linguagem moderna a uma estrutura formal tradicional. O primeiro movimento alterna momentos de intensa energia a um lirismo comedido. No segundo, a um clima de sinagoga opõe-se uma certa frieza nas seções que se alternam. O terceiro é um recitativo e, como tal, curto e sem compromisso formal. O humor e o lirismo dividem o tempo do último movimento. (dia 27/10, 21:00)

Heber Schünemann (São Paulo, 1971), *7 dias do diário* (1996/97):

Em 23 pequenas peças para piano são retratadas impressões sonoras dos acontecimentos de um período, como anotações numa agenda. Para cada dia é utilizada uma técnica: serial, minimalista, colagem, aleatória... Para essa apresentação foram selecionados apenas alguns dias. (dia 28/10, 18:00)

Heitor Villa-Lobos (1887/1958): *A lenda do caboclo* (1920); *Alma brasileira* (1925)
(dia 2/11, 20:00)

Helcio Müller (São Paulo, 1960), *Ventos* (1996):

São utilizadas técnicas alternativas de flauta doce baixo, processador de efeitos e fita magnética com sons da flauta processados em PC 486 mediante a utilização de três diferentes algoritmos. (dia 1/11, 21:00)

Hélio Ziskind (São Paulo, 1955), *8 Clocks* (1996):

Em dois blocos temáticos, a obra é um estudo para oito músicos que dialogam com a música feita com computadores. Mesmo quando manipula diversas fontes sonoras, o computador é um relógio único que controla os processos temporais. Os oito músicos trazem uma sobreposição de oito relógios individuais e a possibilidade de "tocar junto" passa a depender de um acordo sobre o tempo. (*dia 2/11, 16:30*)

H.-J. Koellreutter (Freiburg im Bressgau, Alemanha, 1915), *Acronon* (1978/79):

Acronon significa ser independente, livre de tempo medido, transcendendo o tempo do relógio, do metrônomo e, portanto, em termos musicais, da métrica racional, da duração definida e determinada e do compasso. *Acronon* é uma tentativa de realizar música que ocorra no âmbito de um tempo qualitativo (tempo como forma de percepção!), pela ausência de referenciais fixos, pela relatividade das ocorrências musicais e pela trocabilidade – em princípio – dos signos musicais. (*dia 30/10, 18:00*)

Ignacio de Campos (Campinas, SP, 1966), *Expasum* (1997):

O título latino – desdobrar – cria um falso cognato com *espaço*; a relação entre as duas idéias antecipa um dos interesses da peça. Desde o início, o desdobramento espacial apresentado com o movimento circular de um som contrapõe-se ao desdobramento de seu espectro. Os longos sons "harmonia/timbre" do início adquirem nova dimensão ao estriar o tempo criando o pulso e tornando-se polirritmia que se bi-particiona em seus opostos. O "desdobrar" se inspreve na simultaneidade e na sucessão. (*dia 1/11, 21:00*)

Igor Lintz Maués (São Paulo, 1955), *Umformung* (1994):

A composição para quatro imagens sonoras em movimento é uma homenagem ao futurista italiano Luigi Russolo. Baseia-se em quatro ambientes sonoros: tráfego urbano, chuva, fábrica, parque infantil. O ouvinte se encontra dentro de uma atmosfera de sonho em transformação. A peça foi desenvolvida num sistema que possibilita a geração de estruturas musicais usando técnica multipista. Em forma de canon, o compositor varia o *cantus firmus* de modo que uma pista aparece sem manipulação enquanto as outras aparecem transformadas. Uma primeira versão, apresentada ao ar livre em Salzburg, em 1994, utilizava orquestra de alto-falantes em bicicletas; a presente versão estereofônica foi realizada no Instituto de Eletroacústica e Música Experimental em Viena. (*dia 31/10, 21:00*)

Ilza Nogueira, *Cinco canções de câmara: Pequenez; Giros; Calmaria; Encontro; Aura* (1997):

Adaptação para conjunto misto das *Cinco peças para violão* de E. Widmer, que o compositor trabalhou até seus últimos dias e que veiculam poemas inéditos seus. Essa reinstrumentação estimulou e exigiu um tratamento dos modelos originais bastante livre, seja na estrutura métrica e rítmica, seja na tessitura e nas transposições de regiões tonais, em expansões e em elisões. (*dia 1/11, 16:30*)

James Correa (Porto Alegre, 1968), *Ékdysis* (1996):

A idéia da eterna mutabilidade das coisas baseia essa obra, e é nela aplicada como eixo central de construção. Utilizando a técnica de modulação de frequência (FM), a partir de uma primeira nota vão surgindo e desaparecendo outras tantas notas, fragmentos melódicos e acordes até a afirmação de um novo som, distante do primeiro e, obviamente, aberto a novas transformações. *Ékdysis*, que significa "ação de se despir", é a raiz grega do termo ecdise, que significa a mudança periódica do revestimento calcário de certos crustáceos. (*dia 28/10, 18:00*)

J. C. Dalgarrondo, *Mãos*:

A relação gesto/mão é enaltecida – as mãos que com humor e poesia contam uma história através da mímica e da sonoplastia. (*dia 31/10, 21:00*)

João Guilherme Ripper (Rio de Janeiro, 1959), *Matinas para oboé e cordas* (1996):

Matinas é a hora canônica que anuncia a manhã. Um canto gregoriano no violoncelo mergulha na ambiência estática do primeiro movimento, pontuado pelo oboé. Estruturas são repetidas e variadas dentro da técnica minimalista e o jogo de diferentes texturas e timbres produz as variantes nos matizes dessa paisagem sonora. Segue-se o caráter rítmico do segundo movimento e o luminoso do oboé ao qual se junta toda a orquestra – que traz dois naipes de violoncelos, o primeiro dos quais estabelece o principal diálogo com o solista. (*dia 2/11, 21:00*)

João Mendes (Rio de Janeiro, 1958), *Violofônica* (1996):

Integra ciclo de peças inscrita numa linha experimental onde a preparação do instrumento é determinante para a sonoridade e a concepção da obra. Os violões são divididos em dois grupos: "normais" (preparados na forma corrente) e "amplos" (preparados de forma não usual). Formas lúdicas, técnicas de improvisação e a dimensão visual e cênica são integrados e redimensionados numa perspectiva pessoal. (*dia 27/10, 18:00*)

Jocy de Oliveira (Curitiba, 1936), *Sons do sacrifício de Ifigênia*:

O texto, baseado na *Ifigênia em Tauris*, de Eurípides, é interpretado em grego num falar cantado, sussurrado, que deixa transparecer a dor do sacrifício. Segundo uma das tradições, Ifigênia, filha de Agamenon e de Clitemnestra, teria sido sacrificada virgem; em outra versão, ela teria sido salva pela deusa Artemis, que a levou como sacerdotisa para seu templo em Tauris. A fita é trabalhada a partir de clarone, gongo, *temple bell*, *wood block*, criando um universo sonoro do sacrifício de Ifigênia. A obra é um segmento de *As Malibrans*, terceira parte (ainda inédita) de ópera-trilogia com enfoque nos valores do feminismo. (*dia 31/10, 21:00*)

Jorge Antunes (Rio de Janeiro, 1942), *Rimbaudiannisia MCMXCV* (1994):

O primeiro movimento utiliza texto teórico de Xenakis transformado com a mesma fórmula de substituição desse compositor, de tal maneira que seu texto se torna completamente novo e incompreensível. As crianças do coro utilizam máscaras para que o timbre da voz possa sofrer uma transformação ao vivo. O conteúdo desse movimento contém também uma intenção de penitência para aquele que, impunemente, dessacralizou e desrespeitou o poema de Rimbaud. O segundo movimento utiliza texto homônimo do poeta. A composição coloca em cena não só um poema sonoro, mas também uma composição de luzes e cores com a correspondência de Rimbaud (*A* negro, *E* branco, *I* vermelho, *U* verde, *O* azul). O compositor dá, assim, uma nova direção estética às suas pesquisas cromo-musicais, retomando a técnica da *música cromofônica*. O último movimento é consequência inevitável do processo escolhido. A ironia, a festa, a alegria, as máscaras, as cores, o delírio, os rostos pintados, os faunos e os sátiros nos levam à grande conclusão de um ditirambo, no elogio entusiasta do espírito dionisíaco. É construído um diálogo entre o "Corifeu" e o "Coro" e, apesar da penitência do primeiro movimento, aqui o lirismo grego é exaltado. (dia 27/10, 18:00)

José Alberto Kaplan (Rosario, Argentina, 1935), *Sonata para piano* (1991):

Os quatro movimentos utilizam desenhos rítmicos e melódicos oriundos da temática folclórica e popular da música nordestina. O *Allegro energico* responde à forma da sonata clássica. Células rítmicas de uma certa complexidade entram na elaboração do primeiro tema, de caráter forte e viril; o segundo tema, lírico, é de atraente poder expressivo. O *Presto* baseia-se em tema onde aparecem as doze notas da escala cromática; é um *scherzo* em três partes, quase todo em *pp*, com dificuldades próprias da técnica lisztiana. O terceiro movimento, *Lento – livremente quase cadenza*, é um *lied* na forma *ABA* no decorrer do qual se estabelece forte oposição entre o apaixonado central e o lírico dos extremos. O movimento final, *Alla toccata*, é um *rondó* em cinco seções cuja estrutura rítmica está baseada na do xaxado. (dia 28/10, 18:00)

José Augusto Manis (São Paulo, 1958), *Arapongas* (1997):

A idéia dessa obra para 11 percussionistas surgiu da imagem sonora de um casal de arapongas; cada pássaro mantém um andamento próprio. A superposição de andamentos produziu intervalos rítmicos análogos aos harmônicos de um espectro de alturas e, em combinações mais complexas, verdadeiros acordes de ritmos. A obra foi realizada com esse material, jogando com diferentes acordes. A supressão ou acumulação gradual de componentes de um acorde acaba por resultar numa sensação de andamento flutuantes, "sem chão"... (dia 30/10, 18:00)

José Orlando Alves (Lavras, MG, 1970), *Quinteto* (1997):

A obra, serial, resulta de aplicação de técnicas de análise de Allen Forte baseada na teoria dos conjuntos e deriva de segmentações maiores ou menores de uma única série. O *Scherzo* associa pequenos blocos rítmicos *staccati* com notas prolongadas. O *Adagio* contrapõe linha melódica e estrutura harmônica, ambas permutadas, associadas e transpostas. No *Rondó*, células rítmicas são contrapostas a pequenas linhas melódicas sempre permutadas. (dia 27/10, 21:00)

Lívio Tragtenberg (São Paulo, 1961), *É sempre noite... por isso sentimos necessidade de luz* (1989/93):

Baseia-se em frase de Thelonious Monk que é a senha para uma música labiríntica. Círculos concêntricos que se autodevoram, buracos negros que agregam mais e mais cápsulas sonoras. Torvelinhos sonoros para contemplação. (dia 29/10, 21:00)

Lorenzo Fernandez, Oscar (Rio de Janeiro, 1897-1948):

- *Imbapara* (poema sinfônico ameríndio; 1928): "Imbapara é obra de vulto, a primeira em nossa terra em que, nesta terra, o índio serve de motivo para poema sinfônico. E pela primeira vez é o índio apresentado em verídico ambiente musical. Eis o acontecimento artístico que não pode passar despercebido, pois é de enorme significado. Servindo-se de temas indígenas colhidos entre os habitantes de nossas selvas, e combinando-os com outros originais, Lorenzo Fernandez criou uma obra profundamente real." (A. L. Gonçalves, *Correio da Manhã*, 30/8/1929);
- *Interlúdio – Batuque* (da ópera *Malarsarte*, 1933): o *Interlúdio* prepara o público para o quarto ato; seu desenho temático traz as principais células temáticas. O *Batuque* recebeu por unanimidade o primeiro prêmio da New Music Association of California, EUA, bem como o prêmio de melhor partitura conferido pela Sociedade Panamericana de Nova York, que imprimiu e distribuiu a partitura em todo o mundo;
- *Variações sinfônicas* (1948): o tema nordestino "morocututu" fornece o mote para 15 variações trabalhadas em forma que é ao mesmo tempo universal e do nosso populário. Segundo Eurico Nogueira França (em *Lorenzo Fernandez - Compositor Brasileiro*): "Essas *Variações Sinfônicas* constituem a sua derradeira mensagem, de tendência a um tempo mais profunda e natural do compositor, um nacionalismo afirmado, nítido, vigoroso, em forma e conteúdo que se mostram essencialmente brasileiro." (dia 4/11, 21:00)

Lourival Silvestre, *Perfume secreto* (1987):

A obra é parte do *Poema Musical* em homenagem a Villalobos e é apresentada numa transcrição por Rufo Herrera do original para trombone solo, violão, cordas e percussão. Ela põe em relevo características do jazz moderno. (dia 4/11, 18:00)

Luigi Irlandini, *Matrimônio do céu e da terra* (1994/96)

(dia 27/10, 18:00)

Luís Carlos Czeka (Salvador, 1945), *Canções dos dias vão*s 5:

A cintilante precisão rítmica da desconstrução dos repiques de tamborim tece uma complexa interação com procedimentos aleatórios – improvisação com elementos determinados, notação gráfica, uso sistemático de tempo cronometrado ao invés de compasso, o delicado envelope de defasagem dos ataques com baquetas de pontas múltiplas... O projeto cênico e de iluminação, o tempo visual em suspensão criado por silhuetas recortadas pela mortífera luminosidade amarela sustentam e apoiam a lenta reverberação das formas tridimensionais dos músicos e instrumentos. Um corpo textural com alto grau de granulosidade e brilho é engendrado com a quase córnea tímbrica da produção de multifônicos pelo clarinete baixo enquanto estrato superior à derme sonora rugosa dos gongos e tam-tans. A obra alinha-se em rota de colisão frontal com/contra o Tempo. (dia 31/10, 21:00)

Márcio Conrad (Rio de Janeiro, 1974), *Sucessão em 6 episódios* (1995):

A rigor, os seis episódios dessa suíte não têm vínculos entre si. *Aber tura* é uma brincadeira; *Rítmica* trabalha alguns ritmos; *So(m)bri(a)edade* pretende misturar sugestões de sobriedade e sombra; *Chromátika* também utiliza polirritmos cuja aliança traz sensação de imprecisão. A quinta peça é outra brincadeira e a última utiliza mudanças entre as fórmulas de compasso criando deslocamentos na acentuação. (dia 28/10, 21:00)

Marcos Lucas (Rio de Janeiro, 1964), *String Quartet* (1996):

Em movimento contínuo, a obra tem como material uma série de dez acordes dispostos simetricamente em torno de uma nota central. São exploradas diferentes sonoridades e texturas; é feita referência não literal a fragmentos das *Bachianas brasileiras nº 1* e a Nazareth numa homenagem à *belle époque* do Rio de Janeiro do início do século. (dia 31/10, 18:00)

Marcos Nogueira (Rio de Janeiro, 1962), *A jornada e o sonho* (1997):

A partir de metáfora de Parmênidas revivida em Platão, a *jornada* se revela quando o intérprete se deixa conduzir pela tripla de som e fala. No *sonho*, metáfora platônica, é como se o sentido nos fugisse a cada oportunidade de apreensão. As duas metáforas impulsionam a oração formal da peça e procuram pôr em questão o papel da discursividade na leitura/escuta musical. (dia 27/10, 21:00)

Marcus Barroso de Siqueira, *Elegia op. 7* (1997):

A elegia é forma poética que expressa dor, morte, melancolia. A peça de caráter lírico-reflexivo onde o discurso musical é pensado em forma compacta e direta. O trio é visto como um grande instrumento que produz timbres bem particulares, ora individuais, ora simultâneos. O caráter da obra foi pensado a partir de idéia musical com auras tonais e atonais, sempre buscando harmonizar as dissonâncias através do cuidado tímbrico. (dia 30/10, 21:00)

Marcus Ferrer (Rio de Janeiro, 1963), *Curuiri* (1997):

Peça polifônica trabalhada a partir do contraponto tradicional em forma bastante simples e clara. De início, um contraponto florido a quatro, que utiliza como idéia básica uma alternância entre nota-eixo sustentada e trecho articulado, numa idéia extraída de Villa-Lobos. Seguem-se duas subseções onde o piano é solista, iniciadas com apenas uma linha melódica seguida de contraponto entre linha e ponto combinando basicamente piano e violino (em imitação nona acima) e clarinete e violoncelo em ("hoqueto"). Um rondó desenvolve a parte do piano como um *cantus firmus*, terminando com coda em tratamento oral. (dia 27/10, 21:00)

Maria Helena Rosas Fernandes (Campinas, SP), *Pau-Brasil* (1996):

Munida de uma câmara utópica, a autora tenta captar sonoramente paisagens de regiões brasileiras: a Mantiqueira vista através do batuque e de cantos de pássaros; o Xingu focado mediante temas de duas tribos da região; os pampas através do ritmo do tatu, do tango brasileiro, utilizados numa concepção contemporânea e muito pessoal, que também evoca as Missões em tema indígena envolto em sons de sinos. Os ritmos regionais servem de base para um baixo contínuo característico de cada parte. (dia 1/11, 16:30)

Mário Ficarelli (São Paulo, 1935), *Tempestade óssea* (1997):

A obra integra uma série dedicada às percussões começada em 1972. Apesar da enorme variedade desses instrumentos encontrada no grupo que interpreta a obra, o compositor optou por trabalhar somente com o naipe das madeiras: dois xilofones e duas marimbas, cinco pares de claves suspensas e cinco *temple blocks* para seis. A intenção foi propor um exercício técnico e combinatório desses instrumentos que, para o compositor, têm sons semelhantes aos de ossos. Cada executante é um virtuose obrigado a uma alta concentração aliada à perfeita precisão técnica. (dia 30/10, 18:00)

Marisa Rezende (Rio de Janeiro, 1944), *Quatro poemas de Haroldo de Campos* (1996):

O universo poético de Haroldo de Campos é pleno. Musicá-lo torna-se uma aventura, não sem um quê de redundância. Suas imagens, sua cor, seus versos inconclusos falam por si, e a música comenta-os buscando preservar sua atmosfera intimista. Um arpejo sobre tríades unifica as canções desse ciclo. Os timbres do conjunto instrumental coloreem as imagens do texto poético, reservando ao canto a voz emotiva. (dia 27/10, 21:00)

Murillo Santos (Rio de Janeiro, 1931), *Duas peças populares (Nazarethiana)* (1997):

Num tributo a Nazareth, e servindo-se de dois gêneros de dança por ele cultivadas – valsa e choro – o autor utiliza uma formação instrumental bem clássica que, a seu ver, não é incompatível com aqueles gêneros populares. (dia 29/10, 21:00)

Neder Nassaro (Teresópolis, RJ, 1961), *Cantos simbólicos* (1997):

Em três movimentos, sob contexto harmônico sem compromissos tonais, a música transcorre numa relação de proximidade e de independência entre os solistas. Piano e canto estão no mesmo nível e às vezes o instrumento assume a cena, sugerindo sem palavras o contexto. (dia 31/10, 18:00)

Nelson Salomé (Baependi, MG, 1950), *Instante (alla requiem)* (1994):

A obra emprega como linguagem o atonalismo livre. Ela recorre, na parte central, ao canto de rezadeiras representado pelos duetos de terças paralelas entre flauta e clarineta e entre flauta e fagote. (dia 4/11, 18:00)

Nestor de Hollanda Cavalcanti (Rio de Janeiro, 1949), *Praise* (1997):

Essa obra existe em duas versões; flauta e trio de cordas; quarteto de cordas – que até o momento nenhum conjunto sensato se dispôs a tocar. Porém, bienal é bienal, salve a bienal! O trabalho é dirigido Àquele que era, que é, e que virá e ainda está dedicado a quatro amigos do compositor. (dia 29/10, 21:00)

Ney Rosauro (Rio de Janeiro, 1952), *Concerto para marimba e orquestra de cordas* (1986):

A marimba lidera os principais motivos temáticos e trabalha todos os aspectos que caracterizam a técnica moderna do instrumento; pode-se mesmo dizer que partes solistas da marimba são executáveis como peça solo. (dia 2/11, 21:00)

Norton Dudeque, *Dois para dois* (1996):

O original é para marimba solo, com versão posterior para piano, vibrafone e percussão. A transcrição atual valoriza os aspectos timbrísticos e os jogos de ressonâncias entre os teclados. O uso eventual de *ostinati* através da obra contrasta com a linguagem nitidamente atonal. (dia 28/10, 18:00)

Odeimar Brígido (Rio de Janeiro, 1941), *Nord-este em 4D* (1996):

Essa fantasia de câmara visualiza uma terra para os nordestinos numa quarta dimensão, na qual eles resgatam seu valor cultural e humano através de sua música. A forma pode ser designada como *temas com variações*, por aparecerem três motivos desenvolvidos durante a peça. (dia 1/11, 16:30)

Oíliam Lana, *3 Miniaturas* (1991):

Nessas peças breves, o compositor explora o cantábil e a riqueza de timbres e de articulação dos dois instrumentos. (dia 4/11, 18:00)

Pablo Castelar, *Canções da morte*:

Desde jovem Vinicius de Moraes foi marcado por inquietações espirituais e metafísicas. As *Canções da morte* (*Balada do enterrado vivo*; *Soneto da hora final*) procuram resgatar uma fase pouco popularizada do poeta, em que ele buscava superar conflitos distanciando-se do misticismo na procura de uma realidade mais crua e de uma poesia mais intimista e pessoal. (dia 28/10, 18:00)

Paulo Costa Lima (Salvador, 1954), *Kabila* (1997):

O universo afro-baiano como pretexto e referência. “Brahms, no ocidente, é o que mais se aproxima do ritmo africano”, segundo o musicólogo africano Nketia... O contexto original é deformado através da dilatação dos intervalos. Metalinguagem – uma linguagem pode falar sobre outra. (dia 1/11, 16:30)

Pauxy Gentil-Nunes (Rio de Janeiro, 1963), *Quarteto cinético*:

Com o *Trio náutico* e *Músicas*, forma trilogia que aborda características da música carioca, do ritmo sincopado à improvisação virtuosística, sob ótica abrangente e exacerbada. A obra foi elaborada segundo técnica de preparação de “mapas” que nortearam os aspectos chamados *cinéticos* – texturas, registros, espaçamentos, instrumentação, densidade rítmica. (dia 31/10, 18:00)

Pedro Augusto Dias (Itabuna, BA, 1966), *Fantasia* (1996):

A peça usa a notação tradicional e pode ser considerada como um poema sonoro de estrutura harmônica e formal livre. Consiste em sucessão de episódios relacionados motivicamente, sem caráter de desenvolvimento. Em função quase concertante, o piano tem papel fundamental na exposição e reiteração de um arpejo em cujo contorno e relações intervalares residem os principais materiais timbrísticos. (dia 1/11, 16:30)

Pedro Kröger (Belém, 1974), *Introdução e allegro* (1996):

A introdução, lenta, assemelha-se à forma concerto e traz solo de violoncelo intercalado por duas intervenções. A segunda parte é um *allegro* de sonata ampliado estruturalmente, onde se nota o emprego de acordes aumentados justapostos a outros elementos. A orquestração é utilizada como força motora para as idéias musicais do compositor. (dia 1/11, 16:30)

Randolph Miguel (MG), *Trio n° 1* (1997):

O primeiro e o terceiro movimentos foram compostos em forma livre. O segundo é uma fuga que respeita todas as entradas da forma tradicional mas a harmonia não obedece a estrutura análoga. (Dia 28/10, 18:00)

Ricardo Tacuchian (Rio de Janeiro, 1939), *Giga Byte* (1994):

Essa é uma giga pós-moderna estruturada dentro dos princípios do sistema “T”, uma forma de controle das alturas criada pelo compositor. Em jargão de informática, *gigabyte* significa um trilhão de unidades de informação armazenadas num computador. O título sugere a superação da polaridade tradição/moderno, um dos princípios da pós-modernidade. A versão apresentada foi feita para execução pelo Amazônia Jazz Ensemble. (dia 27/10, 21:00)

Roberto Victorio (Rio de Janeiro, 1959), *Vi-sões ígneas* (1997):

A obra é o primeiro movimento do *Cântico siderúrgico*. Sua ambiência "grave" é criada com a utilização de instrumentos em seus registros inferiores, mais a percussão que também explora os graves; ela está dividida em três partes, mais cadência. (dia 2/11, 16:30)

Rodolfo Caesar (Rio de Janeiro, 1950), *A noite em concha* (fragmentos; 1994):

O mote principal é a forma espiral/circular; a estratégia, fazer sentido a partir de qualquer circunstância. Dois personagens principais se entrelaçam num jogo: um é claro, cristalino e "tônico" e tem espectro harmônico; o outro é sombrio, denso, complexo. *A noite em concha* é o gesto com que aumentamos a orelha para aguçar a audição e remete a lenda indígena que narra a criação da noite. (dia 1/11, 21:00)

Rodolfo Coelho de Souza (São Paulo, 1952), *Chiaroscuro* (1996):

Explora de maneira pessoal o uso de estruturas multi-modais e de complexos rítmicos e propõe aos intérpretes um desafio, pois o compositor desenvolve através do computador texturas musicais do limite do neurologicamente realizável. O título alude a técnica de pintura renascentista com seus procedimentos dialéticos de alternância da exposição dos elementos expressivos e o refinado processo de pequenas mudanças no vagar do discurso musical. (dia 29/10, 18:00)

Rodrigo Cicchelli Velloso (Rio de Janeiro, 1996), *15^o harmônico* (1994/96):

Obra revista em 1996, desenvolve variações em torno da seqüência solo do piano. O título sugere jogo de palavras: o 15^o parcial de um som no piano é igual a 16 vezes a fundamental e é, portanto, *inarmônico*. A maioria dos sons eletrônicos provém de amostras do piano, mas também de flauta e de percussões re-trabalhadas em diversas técnicas de filtragem visando a imposição de uma linguagem harmônica comum entre a escrita instrumental e a parte eletrônica e a criação de sons híbridos concebidos como extensão do piano. (Dia 1/11, 21:00)

Rogério Vasconcelos (1962), *Rota do vento* (1997):

Já que não sabes da rota do vento nem do encorpar dos ossos no ventre da grávida... (extraído do *Qohelet*, na tradução de Haroldo de Campos) – vento como metáfora do movimento. Nessa peça a forma resulta do cruzamento e interpolação de diferentes processos direcionais. Através de um jogo cuidadoso de gradações no parâmetro rítmico, as estruturas sonoras evoluem ora de uma maneira previsível, ora se interrompem bruscamente. (Dia 4/11, 18:00)

Ronaldo Miranda (Rio de Janeiro, 1948), *Alternâncias* (1997):

Como o título diz, a obra alterna atmosferas e técnicas musicais, bem como a linguagem atonal com uma espécie de neo-tonalismo, num todo com reminiscências de pontilhismo, de minimalismo e do neo-romantismo que permia a produção de uma série de compositores do séc. XX, como Gorecki e Penderecki. (dia 29/10, 21:00)

Roseane Yampolschi, *Dialogues II* (1996):

Obra baseada em tese da autora, segundo a qual a interdisciplinaridade na composição deve ser pensada a partir de formas e graus de conflito historicamente mediado entre as disciplinas constitutivas da obra interdisciplinar; opõe-se, assim, à concepção dominante de interdisciplinaridade como integração ou fusão. Na obra, que exige um ator/narrador, não há representação, mas a própria realização de um diálogo onde prevalecem conflito e confrontação. É exigido dos intérpretes/solistas alto nível de energia e dramatização. A obra não comporta caricaturas ou onomatopéias: movimentos circulares no palco ou pequenos gestos resultam de – ou determinam – diversos graus de contato, interferência ou isolamento entre os participantes. (dia 31/10, 21:00)

Rubens Ricciardi (Ribeirão Preto, SP, 1964), *2 Miniaturas para flauta e piano* (1994):

As duas peças integram ciclo de sete obras independentes. A primeira é influenciada pela tradição de concisão formal weberiana e construída com seqüências harmônicas, também características do expressionismo musical. Já as repetições transfiguradas de uma série presente na *Sonata em si menor* para flauta e cravo de J. S. Bach dão forma à segunda peça, que por isso mesmo pode ser considerada neo-clássica. (Dia 31/10, 18:00)

Rufo Herrera (Córdoba, Argentina), *Kosmitus* (1997):

A obra baseia-se em características da meditação zen (movimentos 1 e 3) como percepção interior do som sem a forma em contraposição à percepção externa (movimentos 2 e 4). Ela toma como referência um sutra que diz: "tudo o que é vazio é exatamente a forma e tudo tem forma, é exatamente o vazio". (dia 4/11, 18:00)

Sérgio Assad: *Eterna; Samba*

Após fazer várias transcrições para o repertório do Duo Assad, Sérgio Assad foi levado a criar composições para dois violões. *Eterna* é de caráter lírico, com conteúdo impressionista; *Samba* reúne grande vigor e complexidade rítmicos. (dia 2/11, 21:00)

Sérgio Barbosa de Souza (Rio de Janeiro, 1966), *Ámago*:

Em variações polifônicas que buscam compreender o interior da alma humana, a obra começa com tensão contínua entre vozes agudas e graves e apresenta o tema principal como âmago da personalidade em atmosfera de conflito. A segunda parte traz baixo contínuo e variações polifônicas do tema principal e busca reproduzir variações do ser; ela culmina com a tensão aberta, como um cristal que recebe um feixe de luz e a reflete em sua multiplicidade. Uma curta reprise encerra a obra. (dia 28/10, 21:00)

Sérgio Freire (Belo Horizonte, 1962), *Sexteto* (1993):

É proposta uma espécie de jogo cuja regra principal é que a cada pulso da música deve ocorrer a entrada de um dos seis instrumentos. Esse processo permanece por quase toda a obra, ao mesmo tempo em que acontecem variações de densidade, registro e textura. Apenas as notas e durações estão escritas; espera-se da interpretação a expressão, dinâmica, timbres, pequenas variações de tempo etc. Basicamente, o mesmo material musical percorre todos os instrumentos; não existe uma diferenciação de funções para cada instrumento. A obra foi gerada a partir de um algoritmo escrito pelo compositor, que se baseia na manipulação de acordes de violão. (Dia 4/11, 18:00)

Sérgio Roberto de Oliveira (Rio de Janeiro, 1970), *Suíte para cordas* (1995):

A idéia central é a de um jogo com intervalos. Cada movimento explora uma qualidade, melódica ou vertical, de intervalos, a começar pelo de quarta, seguido dos de terceira, segunda, sétima, sexta e quinta. (dia 28/10, 21:00)

Sílvio Ferraz (São Paulo, 1959), *De um tempo em tensão* (1997):

A instrumentação é a que vem se tornando quase que uma constante na música atual: a formação do *Pierrot Lunaire* com uma ou outra variação. A idéia central é a transformação de uma seqüência rítmica irregular de sons de tantan, determinada num plano totalmente informal: uma improvisação que foi posteriormente encapsulada numa estrutura de compassos também informal, mas composta separadamente da seqüência do tantan. Posteriormente foi realizada uma série de análises de espectro de sons de tantan; é a partir dos resultados dessa análise que foi composta a estrutura freqüencial da obra, depois embaralhada por meio de dobras e redobras que conduzem a peça por um labirinto formal. (Dia 2/11, 16:30)

Tato Taborda (Curitiba, 1960), *Sopro* (1997):

A obra explora o quanto de ar, de vento pode existir em um instrumento de cordas. A análise do comportamento rítmico de sapos, grilos e cigarras forneceu modelos composicionais processados ao longo da obra. (dia 27/10, 18:00)

Tim Rescala (Rio de Janeiro, 1961), *Sexteto* (1997):

Essa peça foi concebida serialmente, de forma livre, e escrita em cinco movimentos sem intervalos. Os parâmetros duração, altura, intensidade e densidade são estruturados a partir dos números 3-4-1-5-2. A obra, de caráter essencialmente rítmico, procura explorar os contrastes e as oposições entre eventos sonoros segundo seu deslocamento no tempo. A característica musical de cada um desses eventos é constantemente transfigurada e sofre um processo de elaboração semelhante ao de uma edição cinematográfica de imagens. (dia 4/11, 18:00)

Tom Jobim (1927/1995), *Crônica da casa assassinada* (transcrição por Sérgio Assad) (dia 2/11, 21:00)

Vânia Dantas Leite (Rio de Janeiro, 1945), *Peça em 4 elementos* (1997):

Idéias de Gaston Bachelard sobre os elementos básicos que regem o processo de criação forneceram a inspiração para essa obra. A série de 12 sons que gera a organização das alturas só aparece no terceiro movimento. No primeiro movimento ela cria estruturas harmônicas. no segundo é trabalhada polifonicamente; no quarto ela alterna materiais harmônicos e polifônicos antes expostos sobre célula temática construída com os seis primeiros sons. Timbres e durações são manipulados como elementos de contraste entre movimentos. (dia 31/10, 18:00)

Vera Terra, *On and beyond the piano* (1996):

O corpo do instrumento como limite / a forma como limite do corpo (som). A música constrói-se nas tensões desses limites, configura-se nas passagens pelos e entre os campos/corpos que constituem a matéria – sonora e silenciosa – fazendo dessa trama seu tecido formal. Silêncio como limite do som / som como limite do silêncio – palavra como fronteira da música / música como fronteira da palavra... anotações sobre as poéticas (virtualidades/virtudes) do instrumento – materiais que se inserem em seu corpo modelando-lhe o campo tímbrico – configurações que emergem em intensidades sonoro-poéticas e se afirmam em suas durações... passagens... A peça é uma homenagem a John Cage, poeta das fronteiras. (Dia 2/11, 18:00)

Victor Lazzarini (Londrina, PR, 1969), *Vozes dentro* (1996):

Última obra de trilogia para fita solo que aborda o fenômeno vocal de uma perspectiva eletroacústica. Tenta-se aplicar um olhar interno que busca sons e texturas embutidos na voz. A lupa do computador busca nas entrelinhas do som vocal aspectos internos inobserváveis de outra forma. A violência de certas consoantes, as cigarras na garganta e um universo de texturas e elementos articulatórios são encontrados nas vozes por dentro... (dia 1/11, 21:00)

Wellington Gomes (Feira de Santana, BA, 1960), *Poema sobre um tema de Cazusa* (1997):

Baseada na obra *Faz parte do meu show*, é composta de um conjunto de variações sem a ordem escolástica do tema com variações, e com a livre constelação de motivos temáticos misturados a uma gama de ornatos e efeitos da música contemporânea. Não se pretende expor elementos temáticos em sua forma original, mas utilizar variantes desses elementos em diferentes aspectos e valores. (dia 1/11, 16:30)

A *Orquestra Unisinos* é um grupo estável da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (São Leopoldo, RS). Criada em 1996, atua de forma integrada com as diversas instituições musicais da região e do Estado, sob a direção artística do Maestro José Pedro Boéssio.

A *Orquestra Unisinos* tem como opção preferencial de repertório a música de compositores brasileiros contemporâneos. Em seu primeiro ano de atividades executou, obras de Edino Krieger, Eduardo Escalante, Hubertus Hofmann, José Penalva, Ney Rosauro, Paulo Dorfman e Ronaldo Miranda, entre outros.

Para a temporada de 1998 uma atividade está merecendo especial atenção: O projeto "*Lendo Contemporâneos Brasileiros*". Este trabalho propõe a leitura de obras inéditas enviadas por compositores brasileiros, em ensaios abertos ao público. A direção artística, com os músicos da Orquestra, poderá indicar obras a serem incluídas no repertório.

ORQUESTRA UNISINOS
na XII Bienal da Música Brasileira e Contemporânea
Rio de Janeiro

violino I

Vagner Cunha, *spalla*
André Meneghello
Arthur Barbosa Neto
Juan Pablo Corrêa Gossweiler
Mabio Duarte
Omar Aguirre

violino II

Rogério Nunes *
Angela Nobrega
Geraldo Moori
João Campos Neto
Marta Brietzke

viola

Delmar Breunig *
Elisa Moori Pinto
Humberto Grillo
Isabel Duschitz

violoncello

Adriane Jaconi *
Alexandre Diel
Lisiane de Los Santos
Milene Aliverti

contrabaixo

Milton Masciadri *
Ana Paula Freire

* líderes de naipe

Regente: José Pedro Boéssio

Mais informações:

ORQUESTRA UNISINOS

Caixa Postal 275

93022-000 - São Leopoldo

fone: 590-3333 ramais 4006 e 4007



ORQUESTRA UNISINOS





**Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Cultura e Esporte
Fundação Theatro Municipal do Rio de Janeiro
Fundação de Artes do Estado do
Rio de Janeiro - FUNARJ • Sala Cecília Meireles**